

Lobo Antunes e Uzodinma Iweala

Profa. Dra. Haidê Silva¹ (USP)

Resumo:

O presente trabalho pretende comparar como a temática da guerra é tratada por estes dois autores: Lobo Antunes, em Os cus de Judas, reconta a história da guerra em Angola do ponto de vista do soldado português, que antes de ser soldado fora médico, mas no entanto, viu-se obrigado a embarcar para a guerra. Uzodinma Iweala, em seu livro de estréia, Feras de lugar nenhum, também trata de uma guerra na África, cuja história é narrada por um menino órfão, também transformado em soldado sem o seu consentimento, e por falta de opção. Em suas narrativas, ambos os autores demonstram como homens e meninos inocentes podem se transformar em monstros em consequência da violência sofrida ou praticada durante um período de guerra, seja ela pela libertação de uma ex-colônia portuguesa, ou uma guerra civil pós-colonial.

Palavras-chave: Lobo Antunes, Os cus de Judas, Uzodinma Iweala, Feras de lugar nenhum, guerra.

Introdução

O presente trabalho é constituído de uma parte da tese de doutoramento defendida em agosto do ano passado intitulada *A metaficção historiográfica no romance Os cus de Judas, de Antonio Lobo Antunes*, complementado pelo estudo do romance *Feras de lugar nenhum* de Uzodinma Iweala.

Os dois autores utilizam um narrador em primeira pessoa que também é personagem da história que narra e ambos os narradores foram transformados em soldados contra as suas vontades, ou seja, no contexto de *Os cus de Judas*, o médico psiquiatra recém formado se viu obrigado a embarcar para a guerra em Angola por imposição da política do Estado Novo que relutou o quanto pode para não permitir a independência daquela colônia portuguesa na África. E no contexto de *Feras de lugar nenhum*, a personagem principal, o menino Agu, também é obrigada a lutar em uma guerra que não é sua e contra a sua própria vontade, uma vez que perdeu os pais justamente em consequência da guerra e sem abrigo, foi acolhido pela tropa e obrigado a matar para sobreviver.

No contexto da guerra, tanto o soldado português quanto o menino Agu sofrem profundas transformações em seus caracteres em consequência da guerra; e as suas narrativas, além de registro das impressões subjetivas, também podem ser interpretadas como uma revisão dos respectivos períodos históricos através da literatura. No caso de Lobo Antunes, temos uma revisão do Estado Novo português e da guerra implementada para conter os anseios de liberdade na ex-colônia portuguesa em Angola, e no que diz respeito a Uzodinma Iweala, a narrativa se refere a guerra civil provocada por facções inimigas que disputavam o poder pós-colonial.

1. Os cus de Judas

Em *Os cus de Judas*, após o retorno da guerra em Angola, o narrador, que também é personagem, resolve narrar a sua história a uma mulher que encontra num bar, à noite, em Lisboa. À medida que o médico psiquiatra vai contando a sua história, surge a oportunidade de rever o seu

passado e, procedendo assim, além de questionar a si mesmo ele também questiona a política implementada pelo Estado Novo português para reprimir o movimento de libertação das colônias portuguesas na África.

É justamente nessa atmosfera que sugere intimidade entre as pessoas, ou seja, o bar, e ajudado pelo álcool, que a personagem se sente à vontade para iniciar a recapitulação do que foi a sua vida. Então, o médico psiquiatra resolve começar a sua narrativa, explicando à interlocutora as bases de sua origem:

Entenda-me: sou homem de um país estreito e velho, de uma cidade afogada de casas que se multiplicam e refletem umas às outras nas frontarias de azulejos e nos ovals dos lagos, e a ilusão de espaço que aqui conheço, consiste numa magra fatia de rio que os gumes de duas esquinas apertam, e o braço de um navegador de bronze atravessa obliquamente num ímpeto heróico. Nasci e cresci num acanhado universo de crochê, crochê de tia-avó e crochê manuelino, filigranaram-me a cabeça na infância, habituaram-me à pequenez do bibelô, proibiram-me o canto nono de Os Lusíadas e ensinaram-me desde sempre a acenar com o lenço em lugar de partir. Policiaram-me o espírito, em suma, e reduziram-me a geografia aos problemas dos fusos, (...) Pois imagine que de repente, sem aviso, todo esse mundo em diminutivo, (...) se evaporava (...) e você acordava numa camioneta, não muito confortável, é certo, e cheia de tropas, é verdade, mas circulando numa paisagem inimaginável... (ANTUNES, 1984, p. 27- 28)

Talvez a recuperação do contexto no qual fora educado facilite a compreensão e até mesmo justifique os motivos pelos quais a personagem não conseguiu reagir à repressão do Estado Novo português e se limitou a assistir ao sofrimento dos colegas e às injustiças da guerra. Mas isso não basta para que o médico se sinta em paz consigo mesmo. Ele deve aos companheiros mortos a história da guerra. E contá-la, mesmo que precariamente, numa mesa de bar e influenciado pela bebida, pode ser uma forma de acertar as contas com o passado, pois sente remorso e vergonha por não ter reagido contra a repressão e a memória dos colegas mortos e a lembrança da sua própria covardia não permitem que ele durma tranqüilo:

o medo, percebe, me tolhia o menor gesto de revolta, o meu egoísmo queria regressar inteiro e depressa antes que uma porta de prisão se fechasse, impeditiva, à minha frente, regressar e esquecer e retomar o hospital e a escrita e a família e o cinema ao sábado e os amigos como se nada me tivesse, entretanto, sucedido, desembarcar na Rocha do Conde de Óbidos e declarar dentro de mim Era tudo mentira e acordei, e todavia, entende, em noites como esta, em que o álcool me acentua o abandono e a solidão e me acho no fundo de um poço interior demasiado alto, demasiado estreito, demasiado liso, surge dentro de mim, tão nítida com há oito anos, a lembrança da covardia e do comodismo que cuidava afogados para sempre numa qualquer gaveta perdida da memória, e uma espécie de, como exprimir-me?, remorso, leva-me a acocorar-me num ângulo do meu quarto como um bicho acoitado, branco de vergonha e de pavor, aguardando, de joelhos na boca, a manhã que não chega. (ANTUNES, 1984, p. 115-117)

No contexto da batalha, limitado pela educação que recebeu, pela falta de preparo para enfrentar a realidade e com medo da repressão, o médico psiquiatra ainda não tinha consciência do seu papel social e também não conseguia compreender o significado da guerra. No entanto, com o distanciamento no tempo e no espaço, consegue compreender perfeitamente os interesses que leva-

ram o Estado Novo português a empreender tal guerra e dessa forma, questionando o passado a partir do presente, a personagem responsabiliza a nação portuguesa não só pela destruição causada na vida das pessoas mas também por ter arrasado nações inteiras apenas para que fossem satisfeitos os seus interesses políticos de imperialismo. Nesse contexto, a revolta contra o Estado Novo português é inevitável:

De pé, à porta da sala de operações, com os cães do quartel a farejarem-me a roupa, gulosos do sangue dos meus camaradas feridos, a lamberem o sangue dos meus camaradas feridos nas nódoas escuras das minhas calças, da minha camisa, dos pêlos claros dos meus braços, eu odiava, Sofia, os que nos mentiam e nos oprimiam, nos humilhavam e nos matavam em Angola, os senhores sérios e dignos que de Lisboa nos apunhalavam em Angola, os políticos, os magistrados, os policiais, os bufos, os bispos, os que ao som de hinos e discursos nos enxotavam para os navios da guerra e nos mandavam para África, nos mandavam morrer em África e teciam às nossas voltas melopéias sinistras de vampiros. (ANTUNES, 1984, p. 131-132).

Além de responsabilizar o Estado português pelas mortes e mutilações dos jovens portugueses enviados para a guerra em Angola, a personagem também questiona a política de repressão implementada pelo Estado Novo para conter os movimentos de libertação das colônias portuguesas na África, e entre os vários erros cometidos, é apontada a substituição dos chefes verdadeiros por chefes nomeados:

Os fascistas fizeram grandes erros em África, percebe, grandes e estúpidos erros em África, porque o fascismo felizmente é estúpido, suficientemente estúpido e cruel para se devorar a si mesmo, e um deles foi substituir os chefes de sangue, os nobres, altivos e indomáveis chefes de sangue, por sobas falsos, que o povo escarnecia e desprezava em segredo, continuava a obedecer às autoridades verdadeiras ocultas na mata, o soba Caputo, por exemplo, agarrou na imagem de madeira do deus Zumbi, desapareceu na noite, e a sua gente, perplexa, contemplava o nicho vazio numa consternação aflita, recebia as instruções dos tambores que latiam na treva as suas têmporas reboantes de ecos. (ANTUNES, 1984, p. 139- 140).

E, de acordo com a personagem, se a guerra acabou

Se a revolução acabou, percebe?, e em certo sentido acabou de fato, é porque os mortos de África, de boca cheia de terra, não podem protestar, e hora a hora a direita os vai matando de novo, e nós, os sobreviventes, continuamos tão duvidosos de estar vivos que temos receio de, através da impossibilidade de um movimento qualquer, nos apercebermos de que não existe carne nos nossos gestos nem som nas palavras que dizemos, nos apercebemos que estamos mortos como eles, acomodados nas urnas de chumbo que o capelão benzia e de que se escapava, apesar da solda, um odor grosso de estrume, urna do cabo Pereira, urna do Carpinteiro, urna do Macaco, que uma mina assassinou a cinquenta metros de mim o saco de areia esmagou-lhe as costelas contra o volante no carro tombado de lado, quis fazer massagem cardíaca e o peito era mole e sem ossos e estalava... (ANTUNES, 1984, p. 52-54).

Quando a personagem questiona o passado e admite a sua derrota particular, enquanto homem, de certa forma, também está questionando o passado histórico português e apontando algumas atitudes políticas que de acordo com seu ponto de vista foram equivocadas. Ou seja, enquanto conta a sua história, o narrador também conta a história do fracasso do regime autoritário implementado pelo Estado Novo, que comprometeu não só o futuro do país mais também o de toda uma geração de portugueses, fazendo-os lutar por uma terra prometida que na verdade nunca existiu a não ser no imaginário português que a criou:

a idéia de uma África portuguesa, de que os livros de História do liceu, as arengas dos políticos e o capelão de Mafra me falavam em imagens majestosas, não passava afinal de uma espécie de cenário de província a apodrecer na desmedida vastidão do espaço, projetos de Olivais Sul que o capim e os arbustos rapidamente devoravam, e um grande silêncio de desolação em torno, habitado pelas carrancas esfomeadas dos leprosos. As Terras do Fim do Mundo eram a extrema solidão e a extrema miséria, governadas por chefes de posto alcoólicos e cúpidos a tiritarem de paludismo nas suas casas vazias, reinando sobre um povo conformado, sentado à porta das cubatas numa indiferença vegetal. (ANTUNES, 1984, p. 102-104).

O narrador/personagem questiona o passado a partir do presente, pois é apenas no presente da narrativa, depois de oito anos de distanciamento da guerra, que ele consegue recontar e ao mesmo tempo repensar o passado histórico português, questionando a verdade daquilo que aprendeu na escola e que serviu de justificativa para que milhares de jovens portugueses fossem convencidos a lutar em defesa de uma terra que na realidade nunca existiu. E repensando esse passado, o narrador questiona a ditadura do Estado Novo, a guerra para conter os movimentos de independência nas colônias e também todo o passado de glória dos portugueses que contribuiu para que os chefes de estado incentivassem os jovens portugueses a partir para guerra.

E nesse contexto de revisão, o narrador/personagem consegue não só compreender a sua covardia diante da repressão, mas também pode justificá-la como se isso fosse um pedido de desculpas aos companheiros mortos e também à sociedade portuguesa que não está mais interessada em falar na guerra e muito menos em se deparar com os sobreviventes dela no meio da rua.

No entanto, no que se refere à sociedade, se o narrador insiste tanto em contar e recontar a história da guerra em Angola, talvez isso aconteça porque ele não se conforma em ser marginalizado injustamente pela mesma sociedade que o obrigou a lutar em uma guerra que não era sua e que terminada a guerra, se comporta como se ela nunca tivesse existido e como se os que lutaram em Angola fossem portadores de alguma doença contagiosa e por isso precisassem ser isolados para não contaminar o restante da sociedade.

Desse modo, a insistência da personagem/narrador em retomar o passado para dar a ele uma nova significação, garante que a guerra não seja esquecida e aponta para a necessidade de que a voz dos soldados portugueses, embora estes sejam marginalizados pela sociedade, precisa ser ouvida para que eles também não sejam relegados ao esquecimento.

2. Feras de lugar nenhum

Esse romance é o livro de estréia do escritor de origem nigeriana Uzodinma Iweala e narra uma guerra civil na África num país não identificado.

O narrador de Iweala narra o embrutecimento de um menino em meio a violentas disputas entre facções rivais: de uma hora para a outra, a vida de Agu, que além de narrador é também personagem do romance, se transforma completamente, pois a paz da aldeia em que vive com seus

pais e sua irmã é interrompida com a chegada de uma milícia liderada por um homem louco e cruel, a quem Agu chama de Comandante e obedece sem questionamento porque sente muito medo.

E então, sozinho e afastado de sua família, Agu é obrigado a matar para não morrer ao ser recrutado como o mais novo soldado do grupo liderado pelo tal Comandante:

O comandante grita, vasculhem o caminhão. Revistem o caminhão! E três soldados correm para revistar o caminhão. Então o Comandante me chama, Agu. Venha cá. Venha cá agora. Então diz para o chefe dos inimigos se ajoelhar, apesar do homem já estar ajoelhado e vomitando. Fico em pé no meu lugar. Estou com medo. Não quero matar ninguém hoje. Não quero matar ninguém nunca. (IWEALA, 2006, p. 30-31)

Dessa forma, a personagem presencia os horrores de um conflito que não compreende e se torna parte deles:

Ele segura a minha mão e abaixa ela com força na cabeça do inimigo e sinto como se uma corrente elétrica atravessasse o meu corpo todo. O homem grita, AAAAIII, mais alto do que o som da bala apitando e então ele cobre a cabeça com as mãos, mas não adianta nada porque sua cabeça está rachada e o sangue fica jorrando que nem água saindo do coco. Ouço risadas ao meu redor enquanto vejo ele tentar segurar sua cabeça rachada. Ele está me irritando e levanto e abaixo o facão, levanto e abaixo POU POU cada vez e vejo tudo rosa enquanto ouço risadas HÁ, HÁ, HÁ à minha volta. (IWEALA, 2006, p. 34)

Nesse romance, seres humanos são reduzidos aos seus aspectos mais primitivos, tornando-se feras que promovem a violência e a morte:

Descemos pelo vale, pra dentro do mato, e me sinto como um animal voltando pra casa. Minha testa está pelando e minha mão está quente e tenho dificuldade de respirar, como se o ar fosse água, como quando as nuvens estão carregadas antes da chuva. Ouço o som de água e estou com sede e quero beber, mas o riacho que estamos atravessando está cheio de lama. Mesmo assim, não importa. Ponho minha cabeça na água, quando levanto a cabeça o céu está cheio de cores diferentes e vejo espíritos nas nuvens. Todo mundo fica parecido com algum animal, não somos mais humanos. Ninguém mais tem um nariz ou lábios, ou boca ou qualquer outra coisa que lembre alguém. Todo mundo parece com algum animal e tem cheiro de galinha ou bode ou vaca. (IWEALA, 2006, p. 64-65)

A inocência de Agu vai sendo encoberta por assassinatos, estupros, saques e toda sorte de atos criminosos que sofre e que executa:

Então golpeio seu ombro e depois seu peito e noto que o Comandante sorri cada vez que a faca corta o homem. Strika se junta a mim e nós chutamos e cortamos ele enquanto todo mundo ri. Parece que o mundo está se mexendo bem devagar e vejo cada gota de sangue e cada gota de suor voando aqui e ali. Ouço os pássaros baterem as asas e partirem das árvores. Parece o barulho do trovão. Ouço os mosquitos zumbindo bem alto no meu ouvido e sinto o sangue molhando minhas per-

nas e rosto. O corpo do inimigo está cheio de cortes fundos, vermelhos, e sua testa está tão esmagada que todo seu rosto nem parece mais um rosto porque sua cabeça está toda quebrada e só tem sangue, sangue, sangue. (IWEALA, 2006, p. 34-35)

O menino Agu transformou-se em soldado e cumpre o seu dever, mas ainda se lembra dos ensinamentos da mãe e fica confuso, pois não conseguia entender como era possível matar sem vomitar ou desmaiar como nas primeiras vezes e continuar temendo a Deus e querendo ser um bom menino. Mesmo assim ele tentava se justificar, afirmando sempre que não era um menino mau e se fazia tantas atrocidades era porque devia cumprir a função de soldado, ou seja, devia cumprir o seu dever:

Não sou um menino mau. Não sou um menino mau. Sou um soldado e o soldado que mata não é mau. Digo isso para mim mesmo porque os soldados têm que matar, matar. Então se mato, só estou fazendo o que é certo. Fico cantando uma música para mim mesmo porque ouço muitas vozes na minha cabeça dizendo que sou um menino mau. Elas vêm de todos os lados, zumbindo no meu ouvido que nem mosquitos, e cada vez que ouço essas vozes, sinto meu coração ficar apertado e meu estomago embrulhado. Então canto, Soldado Soldado/Matar Matar Matar./É assim que você vive./É assim que você morre. (IWEALA, 2006, p. 37-38)

Em *Feras de lugar nenhum*, Agu sonha com coisas muito diferentes: matar os homens que fizeram sua família desaparecer, carregar uma arma de verdade, ter o que comer amanhã, ser uma árvore gigantesca, fazer o homem que mora na lua sorrir, encontrar sua mãe, voltar pra escola e se tornar, enfim, um engenheiro. Mas diante da violência da guerra todos esses sonhos se tornam impossíveis e a única certeza é continuar matando para não morrer. No final do romance, quando um grupo de soldados rebeldes atiram no Comandante e finalmente se libertam da tirania deste, Agu vai para uma espécie de abrigo providenciado pela ONU e diz tudo isso para a sua psicóloga americana.

E todos os dias converso com a Amy. Ela é uma mulher branca americana que vem aqui ajudar pessoas como eu. (...) Ela está sempre me dizendo, me diz o que você está sentindo. Me diz o que você está pensando. E todos os dias digo a ela a mesma coisa, estou pensando no futuro. Qual é o seu futuro, pergunta ela. E digo que imagino que vou ser doutor ou engenheiro, que vou ganhar muito dinheiro então vou me tornar um homem grande e nunca mais lutarei em nenhuma guerra. E às vezes digo a ela, ouço balas e gritos no meu ouvido e quero morrer pra nunca mais ouvir isso de novo. Quero me deitar no chão quente com os olhos fechados e com o cheiro da lama no meu nariz, como Strika. Quero sentir como o chão está molhado em volta do meu corpo, como seu eu estivesse suando e como se o chão também suasse através de mim. E quero ficar no mesmo lugar para sempre, nunca mais me mexer por nada, só esperar esperar até a poeira se amontoar em mim e o capim me cobrir e os insetos ficarem morando no espaço entre meus dentes. Digo a ela que uma árvore iroko vai nascer do meu corpo, tão grande que seu tronco vai separar a noite do dia, e tão alta que as folhas no topo da árvore vão fazer cócegas na Lua até que o homem que vive lá vai começar a sorrir. (IWEALA, 2006, p.185-186)

Embora tenha muitos planos para o futuro, o relato da personagem parece bastante confuso, pois ao mesmo tempo em que afirma querer ser feliz, ele também diz que preferia morrer e que não pode contar tudo o que ela gostaria de saber a seu respeito porque ficaria triste e a deixaria muito triste também:

Às vezes falo pra ela, não vou contar tudo porque vi muitas coisas horríveis demais para contar. Vi mais coisas horríveis do que dez mil homens e fiz mais coisas horríveis do que vinte mil homens. Então, se eu contar todas essas coisas horríveis, ficarei muito triste e você também vai ficar muito triste porque existem muitas coisas horríveis nessa vida. E quero ser feliz. Só quero ser feliz. Digo isso a ela, e ela só olha para mim e vejo que está com o olho cheio d'água. Então digo a ela, se eu contar todas as coisas que fiz, você vai pensar que sou uma espécie de fera ou diabo. Amy nunca diz nada quando falo isso, mas a água em seus olhos brilha. E digo a ela, tudo bem. Sou todas essas coisas. Sou todas essas coisas, mas uma vez já tive uma mãe, e ela me amava. (IWEALA, 2006, p. 186-187)

Apesar de não ter consciência dos motivos da guerra e de nunca ter tido a intenção de matar alguém, o menino Agu se transforma, num contexto em que a guerra e os outros soldados exigem dele uma postura de soldado, ou seja, que deve lutar e matar, e portanto, a personagem pratica todas as atrocidades imagináveis e também sofre todas as violências possíveis, naquele momento em que era necessário matar para não morrer.

Embora mesmo que de forma inconsciente a personagem sofra durante o período de guerra, pois segundo Agu, havia sempre uma voz recriminando as suas atitudes, ele tentou administrar a sua confusão interior e até mesmo o medo do que estava fazendo, porque sentia um medo superior a todos os outros, ou seja, o medo de morrer antes de poder encontrar a sua mãe e irmã quando a guerra terminasse.

A personagem tentou manter-se firme o tempo todo, para que com o final da guerra conseguisse atingir os seus objetivos. E quando os outros soldados, exaustos de cometerem atrocidades sob as ordens do Comandante, resolveram por um fim na dependência de todos, ou seja, atiraram no comandante e fugiram para a floresta, não sabemos como e nem porque Agu foi parar numa espécie de campo de refugiados, provavelmente providenciado pela ONU e então, pode ter algumas coisas que faziam muita falta, como por exemplo, comida, roupas limpas, um quarto só para ela e o tratamento psicológico necessário para superar as consequências da guerra. Mas mesmo assim, não sabemos o quanto a personagem progrediu, porque o seu relato é bastante confuso, e apesar de ter muitos planos para o futuro, não sabemos de que forma o menino Agu será reintegrado à sociedade.

Conclusão

Tanto o soldado-médico psiquiatra de *Os cus de Judas*, quanto o menino-soldado de *Feras de lugar nenhum* apresentam narrativas individuais do ponto de vista de um eu-narrador diante da obrigatoriedade de lutar nas respectivas guerras. Enquanto o soldado de Lobo Antunes retorna a Portugal com o fim da guerra em Angola, o soldado de Uzodinma Iweala deve permanecer no seu próprio país; mas no entanto, a falta de perspectivas que atinge a ambos na realidade é a mesma.

Embora tenha suportado em silêncio a repressão do Estado Novo, com a única finalidade de voltar ileso para casa e retomar a sua vida e família, o soldado português retorna de Angola e não consegue atingir os seus objetivos, ou seja, já não é possível retomar a rotina de sua vida e nem sequer viver em paz porque carrega um peso na consciência pelo fato de não ter reagido e se não matou ninguém, também não fez nada para evitar que outros matassem, uma vez que temia a repressão do governo de Salazar. Logo após o retorno apresenta dificuldades de conviver com a esposa e acaba por separar-se em seguida e também apresenta problemas de relacionamento com as filhas, primeiro porque estas só o reconheciam na fotografia e depois porque não era fácil recebê-las nos finais de semana que elas não passavam com a mãe, uma vez que estavam separados.

E como não consegue ficar sozinho à noite e precisa perambular de bar em bar, beber muito e procurar alguém com quem possa conversar, principalmente falar sobre a guerra e de preferência encontrar uma mulher que se comova com a sua história e acabe por passar a noite com ele, a sua narrativa parece um pedido de desculpas aos colegas mortos e talvez um pedido de desculpas para a sociedade pós-revolução dos cravos, uma vez que o relato enfatiza os motivos que justificam sua atitude no passado, ou seja, a personagem está sempre empenhada em esclarecer que não agiu por vontade própria, mas que fora obrigada por uma força maior, isto é, o governo autoritário do Estado Novo Português.

E no que diz respeito à personagem principal de *Feras de lugar nenhum*, a situação não parece ser diferente. Agu, também transformado em soldado contra a sua vontade, também arrancado do seio familiar, vê-se obrigado a lutar em uma guerra que não é sua, vê-se obrigado a matar para não morrer, como já dissemos anteriormente, e com o fim da guerra, deve ter o mesmo destino que a personagem de Lobo Antunes, ou seja, assim como o médico psiquiatra, o menino Agu será marginalizado pela sociedade que o culpará sem dúvida por todas as atrocidades praticadas durante a guerra.

Dessa forma, podemos concluir dizendo que essas narrativas cujo personagem principal é também narrador da história que nos conta, tem pelo menos duas finalidades bastante claras: se por um lado o narrador é testemunha dos fatos relatados e de certa forma reconta a história da guerra, deixando registrado o seu ponto de vista diante dos acontecimentos presenciados, por outro lado, é possível que estas personagens ao mesmo tempo em que fazem uma denúncia dos regimes autoritários que levaram a essas guerras mencionadas em suas narrativas também utilizem seus próprios testemunhos para prestar contas de seus comportamentos à sociedade e de certa forma tentar reconciliar-se com ela justamente para não viverem marginalizados. E assim, as narrativas são portanto individuais e também coletivas, já que podem representar todos os soldados portugueses retornados da África, depois de terminada a guerra em Angola e também podem representar todos os meninos-soldados de qualquer guerra civil em qualquer país africano principalmente na fase pós-colonial.

Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Dê vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

ALEXANDRE, Valentim. *Velho Brasil/Novas Áfricas – Portugal e o Império (1808-1975)*. Porto, Ed. Afrontamento, 2000.

ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano*. Lisboa, Ed. D. Quixote, 1999.

ANTUNES, Antônio Lobo. *Os Cus de Judas*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*. São Paulo, Unesp/Hucitec, 1988.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tr. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

IWEALA, Uzodinma. *Feras de lugar nenhum*. Tradução de Christina Baum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MARQUES A. H., de Oliveira. (1980). *História de Portugal*. Lisboa, Palas, 8ª. ed., 2 vols.

MATTOSO, José. *História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974)*. V. 7. Lisboa, Editorial Estampa, s/d.

SILVA, Haidê. *A metaficção historiográfica no romance Os cus de Judas, de Antonio Lobo Antunes*. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa. Universidade de São Paulo.

Autor(es)

¹ Haidê SILVA, Profa. Dra.
Universidade de São Paulo (USP)
E-mail haidesilva1@terra.com.br